

2

Manuel Rui: uma pessoa contra

Portanto, poderei dizer, que todo o meu projeto, em termos culturais assim mais amplos, se desenhava já no sentido de ser uma pessoa contra!

Manuel Rui

Manuel Rui Alves Monteiro nasceu em 1941, em Nova Lisboa, hoje Huambo, onde fez os estudos primários e secundários. Em seguida, partiu para Coimbra, onde se licenciou em Direito. Iniciou sua atividade literária em Portugal e publicou seus primeiros poemas em 1973. Retornou a Angola em 1974, onde foi professor universitário, Reitor da Universidade de Huambo, além de ter ocupado cargos políticos, tendo sido Ministro da Informação do Governo de Transição. Em 1975, com a independência política angolana, Manuel Rui ajudou a fundar a União dos Escritores Angolanos (UEA), que tinha a finalidade precípua de viabilizar a publicação de obras escritas durante o período colonial.²⁶

Manuel Rui participou política e culturalmente do período seguinte à independência de Angola, num momento fundamental do processo de reconstrução nacional. Foi Diretor Nacional do Departamento de Relações Exteriores e do Departamento de Orientação Revolucionária do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), criado em 1956, tendo sido também Procurador Popular no Tribunal Revolucionário.²⁷

Sua ascendência familiar, formada pela união de um pai português, livreiro em Huambo, e uma mãe filha de um português com uma angolana, originou a sua etnia mestiça. Essa característica, segundo Manuel Ferreira, estrutura a literatura de Manuel Rui com referências enriquecidas sob a perspectiva do conhecimento real e efetivo.²⁸

Manuel Rui é um autor que explora a pluriracialidade encontrada nas zonas urbanas e constrói nos seus contos um palco para as relações sociais

²⁶ MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mamana África*. Epopéia: São Paulo, 1987, p. 293-299.

²⁷ Ibid.

²⁸ FERREIRA, Manuel. op.cit., p. 13.

baseadas na diferença – seja diferença cultural, lingüística, econômica ou histórica. Dessas relações, surgem as situações enfrentadas por seus personagens que, de acordo com Rita Chaves, refletem o processo colonial que “semeava contrastes e barrava qualquer hipótese de aproximação entre os diferentes”.²⁹

Por meio de um processo literário composto não somente pela ironia³⁰, Manuel Rui nos oferece uma aparente displicência, em que nós leitores também participamos com um riso que não deixa de compartilhar a dor daqueles personagens e nem de perceber o absurdo que está sendo denunciado naquelas páginas:

Sangrando. Por vezes de mãos crispadas. Em silêncio. E com vontade de protestar. Sim, algo de chaplinesco vibra na transparência desse caos organizado. E a sua força dramática promana dessa participação indireta do autor-narrador que dir-se-ia obscuro quando afinal se nos revela por inteiro comprometido com o destino deste mundo que incomoda.³¹

A especificidade da ironia utilizada nos contos de Manuel Rui consiste no fato de ele tê-la escolhido como estratégia para narrar as contradições presentes em Angola, dando maior enfoque ao comportamento social dos personagens inseridos num ambiente contraditório, desumanizado e alienante.

De acordo com Magdala França Vianna, Manuel Rui, “afirmando a convivência de ‘muitas raças e culturas’, privilegia o ideal do humanismo revolucionário e denuncia o essencialismo etnocultural como astúcia discursiva colonialista para a submissão e a opressão”³². Para a autora, o texto de Manuel Rui retrata um processo de hibridismo cultural, de mestiçagem, de mulatismo lingüístico como lugar de registro dos conflitos e das diferenças decorrentes da dispersão e da pluralização do referencial cultural colonialista³³.

Manuel Rui também utiliza um tom cômico ao tratar da vida de seus personagens, mostrando a insensatez, as ilusões, a alienação e a precariedade da vida humana. Ao identificar contradições, e pintá-las em suas narrativas,

²⁹ CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique – Experiência Colonial e Territórios Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005, p.250.

³⁰ FERREIRA, Manuel, op. cit., p. 9.

³¹ Ibid.

³² VIANNA, Magdala França. “Manuel Rui: *Uma Flor para Angola*.” In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). *África & Brasil: letras e laços*. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006, p. 249.

³³ Ibid., p.256.

construindo uma crítica a essa sociedade, o autor faz dessa ficção uma obra irônica, deixando de ser, deste modo, um mero registro do conturbado cotidiano existente na Angola colonial. Identificar e registrar essas contradições de forma crítica, às vezes com um tom sarcástico, faz com que seja o autor identificado como ironista e faz de sua ficção um texto que apresenta a ironia como recurso fundamental de escrita.